



## ***A virada tática comunista do final da década de 1920: do BOC ao obreirismo.***

Leonardo Guedes Henn\*

**Resumo:** O Partido Comunista do Brasil (PCB), enquanto existiu a Internacional Comunista (IC), organização a qual era filiado, orientava suas ações consoantes às diretrizes táticas e estratégicas elaboradas no âmbito daquela. No final da década de 1920, repentinamente a IC alterou de forma radical suas recomendações táticas para os partidos comunistas mundiais. Tal situação suscitou no PCB a passagem de um período em que se buscava a formação de amplas alianças nos campos político-partidário e sindical (operariado, campesinato, pequena-burguesia e intelectuais de esquerda), no qual foi construída pelo partido a grande coalizão eleitoral Bloco Operário e Camponês (BOC) para um que se constituiu no mais radicalizado do partido até então. Nesta ocasião, não somente a orientação dada aos partidos comunistas passou a ser de evitarem alianças mais amplas, como chegou ao extremo de exigir a depuração em suas direções de pessoas que não tivessem origem operária (*o obreirismo*). O presente trabalho pretende analisar as características da referida passagem no âmbito do PCB relacionando-as às instâncias comunistas superiores ao partido brasileiro – a IC, os seus organismos dirigentes na América do Sul e o Partido Comunista Argentino (PCA).

**Palavras-chaves:** Internacional Comunista. Partido Comunista do Brasil. Secretariado Sul-Americano da IC.

**Abstract:** The Communist Party of Brazil (PCB), while there was the Communist International (CI), which was affiliated organization, guided his actions depending on the tactical and strategic guidelines drawn up under that. In the late 1920s, suddenly IC changed radically their tactical recommendations to the Communist parties worldwide. This situation prompted the passage of PCBs in a period in which it sought the formation of broad alliances in the fields of political parties and trade unions (working class, peasantry, petty bourgeoisie and intellectuals from left), which was built by the great party electoral coalition Workers and Peasants bloc (BOC), one which was the more radicalized the party so far. On this occasion, not only guidance given to the Communist Party rose to avoid broader alliances, went so far as to require clearance by their directions of people who were not working class background

---

\* Doutor em História pela UNISINOS e Docente do Centro Universitário Franciscano (UNIFRA).



(the worker). This work intends to analyze the characteristics of that passage in the PCB relating them to the instances above the Communist Party of Brazil - the IC, their governing bodies in South America and the Argentine Communist Party (PCA).

**Keywords:** Communist International. Brazilian Communist Party. South-American Secretariat of the IC.

Logo após ser fundado em 1922, o Partido Comunista do Brasil (PCB) se apressou em enviar um delegado para participar dos debates do IV Congresso da Internacional Comunista (IC) e pleitear a sua afiliação a tal organização comunista mundial. No entanto, durante o evento, o delegado brasileiro se envolveu em calorosas discussões com lideranças comunistas internacionais, como Trotski. Como consequência, o partido brasileiro não foi aceito de imediato. Deveria primeiramente depurar supostos *desvios anarquistas*<sup>1</sup>, simbolizados na defesa operada pelo delegado brasileiro da permissão para que alguns dos filiados ao partido brasileiro continuassem fazendo parte da maçonaria, pois, segundo ele, o marxismo não versaria sobre questões morais, as quais seriam eminentemente de cunho pessoal. Somente em 1924, após visitação de um enviado do Partido Comunista da Argentina, que depôs favoravelmente as condições organizacionais e de doutrina da organização brasileira, o PCB foi aceito como membro efetivo da IC.

A IC era uma organização que englobava aqueles marxistas do mundo inteiro que haviam respondido ao chamado dos bolcheviques responsáveis pela Revolução Russa, os quais em 1919 clamaram por apoio internacional aos comunistas soviéticos no desenvolvimento do seu movimento revolucionário, iniciado em 1917, e que a avaliavam como sendo o estopim da revolução proletária mundial. Era conhecida também como Terceira Internacional para diferenciá-la das duas organizações proletárias mundiais que haviam existido anteriormente, a primeira em meados do século XIX (1864-1872) e a segunda fundada em 1889 e nunca extinta oficialmente, mas desacreditada pelas atuações de algumas de suas principais lideranças durante a Primeira Guerra Mundial. Nesta ocasião, estes preferiram apoiar os esforços de guerra de suas nações ao invés de trabalhar para que o conflito se convertesse na revolução proletária mundial, como havia sido acertado nos seus congressos que antecederam a guerra.

---

<sup>1</sup> Certamente contribuiu para a avaliação da IC o fato de que a maior parte dos fundadores do PCB serem oriundos do movimento anarquista.



Pertencer à IC se constituía em fator extremamente significativo para qualquer partido que se propunha como marxista revolucionário mundial. Afinal, com o passar dos anos, a URSS se consolidava como a única nação, ou aliança de nações como era sua condição oficial, em que uma revolução proletária socialista havia vingado e que ainda perdurava. Tratava-se de um modelo para socialistas do mundo afora e, até mesmo, para os anarquistas, pelo menos até que esses sofressem a repressão dos comunistas no início da década de 1920 no território soviético. Para obter a filiação a tal instituição comunista internacional a agremiação política deveria se constituir em um partido e atender as vinte e uma condições políticas e organizacionais estipuladas pelo órgão. A partir daí, teria direito a participar das discussões e deliberações operadas nas diversas instâncias da organização. Em contrapartida, deveria acatar as diretrizes resultantes das instâncias máximas, pretensamente discutidas em congressos gerais e em reuniões do seu comitê executivo, submetendo-se assim à rígida disciplina interna.

A condição de organização política com ligações oficiais com a IC era expressamente veiculada pelo PCB em sua imprensa oficial. Na primeira página do jornal partidário *A Classe Operária*, periódico oficial dos comunistas brasileiros depois de 1925, informava-se que o partido era a sessão brasileira da IC. Tal situação suscitaria que, durante boa parte de sua existência, o partido recebesse a acusação de seus adversários de que se tratava de um partido estrangeiro atuando no Brasil, algo alegadamente ilegal, e que, portanto, deveria ser proibido. No governo Dutra, logo após o término da Segunda Guerra Mundial, o partido foi colocado na ilegalidade sob tal justificativa, mesmo que a IC já tivesse sido desativada (1943) e que os comunistas brasileiros houvessem alterado a nomenclatura da organização para Partido Comunista Brasileiro (mantendo a sigla PCB), com o objetivo de evitarem a acusação de se tratarem de um partido estrangeiro atuando no país.

A IC, durante sua existência (1919-1943), passou por várias alterações no que tange ao que considerava como diretrizes táticas propostas para os momentos históricos em questão. É importante esclarecer que por diretrizes táticas, de acordo com o jargão comunista da época, entendem-se aquelas orientações pensadas para situações conjunturais, ou seja, baseando-se no linguajar militar, seriam expedientes pontuais tendo em vista as específicas correlações de forças da revolução e da contra-revolução em esfera mundial e nas várias regiões do globo em cada contexto histórico. O objetivo final permanecia o mesmo: a instauração da sociedade comunista mundialmente, extinguindo o Estado e acabando com as diferenças entre classes



sociais. Como conseguir tal objetivo? Através de uma etapa estratégica intermediária denominada de ditadura do proletariado (socialismo). Sendo assim, os movimentos táticos seriam expedientes momentâneos no suporte à busca do objetivo estratégico.

Passar-se-á a seguir a uma retrospectiva histórica geral das orientações táticas e avaliações políticas produzidas pela IC ao longo do tempo<sup>2</sup>.

Assim, logo no início de sua história a IC, em 1919 (I Congresso), via a revolução mundial como estando em um período ofensivo. Já a revolução nas colônias seria uma consequência da revolução nas metrópoles<sup>3</sup>.

No II Congresso, em 1920, a revolução mundial continuava sendo vista como em período ofensivo. Houve um deslocamento das preocupações para a Ásia, devido às desilusões com a revolução no Ocidente. A revolução nas colônias e semicolônias era avaliada como sendo de caráter democrático-burguês, mas apoiando-se somente os movimentos nacional-revolucionários. Ou seja, nestas nações não haveria condições imediatas de se operar revoluções socialistas.

No III Congresso, em 1921, em virtude de se considerar a revolução mundial como em desaceleração, adotou-se o movimento tático da constituição de *frentes únicas*, interpretadas como aliança com as demais correntes de esquerda: anarquistas, socialistas e social-democratas. Voltou-se a dar primazia à revolução europeia. A revolução nas colônias e semicolônias continuava sendo avaliada como sendo de caráter democrático-burguês, apoiando-se somente os movimentos nacional-revolucionários.

No IV Congresso, em 1922, mantinha-se a tática das *frentes únicas*. Recebeu um acentuado destaque a situação revolucionária no Oriente (especialmente Ásia). Mantinha-se a avaliação que a revolução nas colônias e semicolônias deveria ser de caráter democrático-burguês, mas apoiando-se somente os movimentos nacional-revolucionários.

No V Congresso, em 1924, insistia-se na tática das *frentes únicas*, mas objetivando *desmascarar*, durante a formação das alianças, a social-democracia (esquerda reformista), no contexto europeu, e as burguesias nacionais, nos países de capitalismo ainda não desenvolvido. De 1925 a 1927, nos países coloniais e semicoloniais, propunha-se o *bloco das*

---

<sup>2</sup> A breve retrospectiva histórica das diretrizes táticas da IC apresentadas aqui é uma adaptação de HENN, p. 102.

<sup>3</sup> Coloniais e semicoloniais eram denominações que a IC dispensava para o que ela denominava de *países atrasados*. Tais classificações, segundo sua avaliação, englobavam as nações, regiões ou localidades que ainda não podiam ser consideradas como dispondendo do modo de produção capitalista consolidado, ou que eram colônias de *direito* (colônias) ou de *fato* (semicolônias) de alguma metrópole capitalista.



*quatro classes* (proletariado, campesinato, intelectualidade pequeno-burguesa e democratas urbanos).

No VI Congresso, em 1928, continuava-se com a proposição da tática das *frentes únicas*, mas agora devendo ser operadas apenas com as bases trabalhadoras. A revolução mundial era avaliada como estando em novo período ofensivo. Orientava-se para se colocar em prática a tática da *classe contra classe*, ou seja, alianças somente com setores operários e contra o inimigo burguês. Propunha-se a formação de *soviets*<sup>4</sup> nos países coloniais e semicoloniais, com a tarefa de conduzir a revolução em todas as suas etapas, desde as transformações democrático-burguesas até a implementação do socialismo.

No VII Congresso, em 1935, devido ao avanço do nazismo na Alemanha e sua influência entre a burguesia mais conservadora de algumas das principais nações europeias, especialmente da França e da Inglaterra, preconizava-se a formação de amplas *frentes populares*, em todas as regiões do globo, com todos os segmentos e classes sociais que combatessem o fascismo. O período era visto como sendo de retração revolucionária. As revoluções deveriam ser somente de caráter antifascista.

No período da Segunda Guerra Mundial, especialmente entre 1942 e 1945, o momento era de aliança com os países capitalistas combatentes do Eixo. A época era avaliada como sendo de retração revolucionária. As revoluções seriam somente de caráter antifascista.

Durante sua existência, a IC costumava avaliar os países latino-americanos como colônias ou semicolônias, nas quais o capitalismo seria ainda incipiente. Verifica-se que já no II Congresso, em 1920, a IC, através de pronunciamentos de Lênin e de M. N. Roy, do PC indiano, apresentava as *Teses sobre a questão colonial* (LÊNIN, pp.). Lênin defendia a peculiaridade da situação colonial, aceitando, dessa maneira, certa descentralização de análise, o que não era visto unanimemente pelas lideranças da organização. Por outro lado, a referida tese tinha por base a realidade dos países orientais<sup>5</sup>, sendo a América Latina região virtualmente desconhecida pela instituição.

A partir de 1924, com o desaparecimento de Lênin, teve vez um confronto entre tendências no interior da IC, resultando na supremacia do grupo liderado por Stalin. A nova

---

<sup>4</sup> Soviotes eram conselhos de operários, soldados e camponeses que tiveram participação fundamental na Revolução Russa, iniciada em 1917. Sendo assim, propunha-se adotar o modelo russo em outras regiões do mundo.

<sup>5</sup> Tanto era assim que, em 1920, a IC operou um grandioso Congresso em Baku, no Azerbaijão, com lideranças anti-imperialistas dos chamados *Povos do Leste*. Tal evento foi descrito pelo jornalista e líder comunista dos Estados Unidos John Reed. (REED, 2002).



liderança impulsionou gradativamente o direcionamento para uma nova orientação política, mais à esquerda, pregando a pureza dos partidos revolucionários através de composições essencialmente operárias e de um controle mais rigoroso deles. Trata-se do segundo período em questão, denominado posteriormente pelos historiadores de *bolchevização* dos PCS, pois se admitia apenas um único modelo de partido: o soviético. De outra parte, a política de alianças para os países coloniais era, de certa maneira, em um primeiro momento, abrangente, tendo em vista defender-se o *bloco das quatro classes*, inspirado na situação chinesa. No entanto o fracasso da revolução naquele país produziria uma reviravolta em tal tese.

O PCB, com o objetivo de implementar a tática das frentes únicas, orientação como relatada anteriormente que permaneceu em vigor nas recomendações da IC durante boa parte da década de 1920, criou o Bloco Operário e Camponês, coalizão que existiu entre 1927 e 1930 (desde 1924 com o nome de Bloco Operário), alcançando algum sucesso no plano eleitoral, com dois intendentess (vereadores) eleitos em 1928 no Distrito Federal. Fizeram parte do bloco, organizações de classe e associações lideradas por tendências reformistas. Além de ser uma tentativa de se adequar às orientações da IC, o Bloco propiciava aos comunistas brasileiros uma margem para atuação legal, já que nesta época o partido já fora proibido pelo governo.

O PCB, assim como os demais partidos comunistas da América Latina, historicamente procurava orientar sua linha política conforme as orientações da IC. Em abril de 1929, por exemplo, *La Correspondencia Sudamericana*, órgão de imprensa oficial do Secretariado Sul-Americano da IC, criado em 1925, informava sobre as resoluções do III Congresso do PCB, ocorrido no início deste mesmo ano. Nota-se, através da exposição das resoluções e teses congressuais, o trabalho efetuado pelos dirigentes brasileiros para enquadrar suas teses conforme a linha da IC. Assim, afirmava-se, entre outros temas, que o Brasil era um país de tipo semicolonial, economicamente dominado pelo imperialismo, se bem que politicamente independente; que o desenvolvimento das forças produtivas do país era entravado pelas forças de compressão imperialistas; que a burguesia nacional havia capitulado ante o imperialismo; que certas camadas da pequena-burguesia constituíam um fator revolucionário da maior importância, tendendo a aliar-se às forças revolucionárias do proletariado; mas que a pequena-burguesia não podia levar a revolução às suas últimas conseqüências, nem sequer dentro do quadro democrático-burguês. Via-se também o BOC como uma das principais realizações do partido, mesmo advertindo para o risco de *desvio oportunista* que ele poderia ocasionar por



parte de alguns comunistas. (*La Correspondencia Sudamericana*, nº. 9, *El III Congreso del Partido Comunista del Brasil*. 2ª época, primeiro de abril de 1929, pp. 8-11) Posteriormente, na I Conferência Comunista Latino Americana, o partido brasileiro seria criticado pelos dirigentes do SSA, já instruídos da maior radicalização na linha política da IC, por supervalorizar a pequena burguesia como fator revolucionário e por subsumir o partido ao BOC.

Em relação ao BOC, é importante salientar que nas teses veiculadas na edição especial de *La Correspondencia Sudamericana* este expediente sofreu pesadas críticas do SSA, renunciando as acusações de que seria alvo durante a Primeira Conferência Comunista Latino-Americana, que resultariam no afastamento dos principais dirigentes partidários. Assim, o texto iniciava apontando o que considerava como os pontos positivos do Bloco, quais sejam: a forma de organização inspirada na tática da *frente única*, englobando todas as camadas do proletariado urbano e rural, dos camponeses típicos e da pequena-burguesia proletarizada e a vitória da coalizão nas eleições municipais, que denotaria a justeza da sua linha política. No entanto o que mais se destaca no documento era o lado negativo da aliança, enumerando-se as seguintes falhas: o risco de o PCB perder a direção política do Bloco e o perigo de o partido deixar de ter uma fisionomia própria, como consequência da adaptação de toda a sua política ao conteúdo político do BOC, subordinando sua ação às possibilidades de trabalho legal. Nesse momento, entretanto, ainda não se recomendava o abandono da aliança. (*La Correspondencia Sudamericana, Proyecto de tesis sobre El movimiento revolucionário de la América Latina. Sobre el Bloque Obrero y Campesino*, nº. 12, 13 e 14, 2ª. época, maio de 1929, p. 37)

As críticas ao BOC decorriam da radicalização da linha política da IC. A situação havia se extremado a partir de 1928, por ocasião do VI Congresso, no qual foi elaborada a tática da *classe contra classe*, que consistia numa restrição na abrangência do arco de alianças. Sendo assim, aceitava-se somente a união de forças com os operários social-democratas, mas não os seus dirigentes, no contexto europeu, muito embora se deva ressaltar que esta aproximação estava longe da unanimidade no interior da IC, enquanto para os países coloniais a classe aliada deveria ser, obrigatoriamente, a pequena burguesia nacional, visando assim à realização da etapa democrático-burguesa da revolução (muito embora na maior parte dos textos sobre tal aliança a IC frisasse a necessidade dos PCs terem a hegemonia do bloco). Neste sentido, é interessante lembrar que na I Conferência dos Partidos Comunistas Latino-Americanos,



realizada pelo Secretariado Sul-Americano da IC (SSA), em Buenos Aires em 1929, tais diretrizes seriam motivo de severas críticas da instituição ao Partido Comunista do Brasil (PCB) devido à defesa feita por este de uma etapa revolucionária de caráter democrático pequeno-burguês implementado objetivamente através da aliança com o movimento *tenentista*. Ou seja, os comunistas brasileiros tentavam colocar em prática a tática das frentes únicas quando foram apanhados de surpresa pela *virada tática* operada pela IC.

Tal virada tática, aliada à perseguição que os intendentos comunistas eram alvo na sua atuação política no Rio de Janeiro terminou por extinguir o BOC (1930), colocando fim ao momento máximo até então de visibilidade dos comunistas brasileiros frente à massa da população brasileira. O Bloco chegou a lançar o primeiro candidato operário a uma eleição presidencial no Brasil, o marmorista Minervino de Oliveira, em 1930<sup>6</sup>.

Na realidade, a existência do SSA propiciava um controle maior por parte da IC sobre os partidos comunistas da região. Até 1925, desprovidos de um órgão orientador no continente e subordinados diretamente ao Secretariado Latino da IC, sediado na França, os PCS latino-americanos tiveram certa liberdade de elaboração de suas diretrizes. Espaço esse possibilitado menos por sua vontade do que por estarem relegados a um segundo plano nas preocupações dos organismos comunistas internacionais. Na verdade, a demonstração de interesse de contato sempre foi uma via de mão única em direção à Europa e só então, através da resposta da IC, eram estabelecidas discussões.

O referido abandono do PCB em relação à IC é utilizado como argumento principal por Michel ZAIDAN FILHO (1988), em seu livro *O PCB e a Internacional Comunista (1922-1929)*, para divergir da maioria da historiografia, que classifica as elaborações do partido brasileiro como meras transposições mecânicas das recomendações daquela, e encontrar originalidade no marxismo brasileiro da época. Segundo ele, as dificuldades de comunicação e o pouco caso da IC em relação aos partidos latino-americanos praticamente obrigaram, de certa forma, a esta originalidade. Justamente, devido a tal situação, teria sido possível a criação da tese sobre a revolução democrática pequeno-burguesa anteriormente comentada.

---

<sup>6</sup> Para o historiador Dainis Karepovs “Foi por intermédio do Bloco Operário que, pela primeira vez, o pequeno grupo que então eram os comunistas brasileiros pôde de aproximar das massas operárias e levar-lhes suas propostas. A partir daquele momento, houve um incremento em suas atividades e em sua influência, que se fez, no entanto acompanhar de uma das causas que determinou, em 1930, o seu fim. Tratava-se da superposição da estrutura de uma entidade de caráter eleitoral legal à de uma organização político-partidária ilegal, o que, por conta da falta de capacidade dos dirigentes comunistas em lidar com esse fenômeno, levou o Bloco a assumir muitas das atribuições que seriam próprias do PCB.” (pp. 169-170)





No que diz respeito ao Partido Comunista Argentino (PCA), por exemplo, a realidade parece ter sido diferente, havendo um maior controle externo, pois mesmo anteriormente a 1925, quando foi escolhido como sede da seção da IC, o argentino Rodolfo Ghioldi já fazia parte do organismo. Com efeito, foi ele que em 1924 veio ao Brasil na qualidade de delegado da Comissão Executiva da Internacional Comunista para verificar se o PCB havia alterado as características pelas quais fora vetado em 1922.

Voltando à radicalização da linha política operada pela IC, a orientação *sectária* de intensificação da luta de classes e restrição das alianças perdurou até 1934 e foi responsável pelo que se convencionou denominar de *obreirismo*, ou seja, a defesa da constituição essencialmente proletária dos partidos comunistas e da necessária depuração dos quadros intelectuais, supostamente responsáveis por seu direcionamento excessivamente à direita.

Especificamente no Brasil, o derradeiro momento desta orientação talvez tenha sido o movimento de caráter golpista, ocorrido em 1935. Ocasão em que o PCB, liderado pela tendência *obreira* e auxiliado ingenuamente por representantes da IC, entre os quais Ghioldi, participou de um levante juntamente a outros setores radicais visando à tomada do poder<sup>7</sup>.

Muito provavelmente o momento marcante da radicalização da linha política do SSA muito provavelmente tenha sido a edição de *La Correspondencia Sudamericana*, de vinte de setembro de 1929. Nesta ocasião, abriu-se a revista com um artigo intitulado: *Carta abierta a los Partidos Comunistas de la América Latina sobre los perigos de derecha*. Esse acontecimento estava intrinsecamente vinculado ao afastamento do *grupo de direita* no PC da URSS. Ocorre que o enfraquecimento e queda do grupo liderado por Bukharin no interior do PC soviético e na IC deram-se gradualmente durante quase todo o ano de 1929. Assim, em abril desse ano, sob a acusação de *direitismo*, ele foi afastado das suas funções na IC. Em julho, a punição foi confirmada. E, em novembro, ele foi excluído do Birô Político do PC da URSS. Tal processo incidia também na forma em que se dava a radicalização nos textos do SSA, ou seja, em etapas.

Desta maneira, na referida Carta reforçavam-se alguns pontos de vista surgidos no VI Congresso da IC, dentre estes se citam: a caracterização do *terceiro período* (depois da crise

---

<sup>7</sup> A partir do VII Congresso, em 1935, ocorreu outra *virada* tática delimitando-se, assim, o terceiro período da IC. Deste ano até o final da Segunda Guerra, abandonou-se a formulação da *classe contra classe* para propor-se alianças nacionais, as chamadas *frentes populares*, que englobariam os comunistas, os demais setores da esquerda e as burguesias democráticas contra o conservadorismo fascista. No entanto deve-se mencionar que houve um interregno nesta orientação por ocasião do polêmico Pacto Germano-soviético (1939-1941), no qual, devido à trégua com o nazi-fascismo, arrefeceu-se a formação destes blocos.



capitalista na época da Revolução Russa e da retração revolucionária do início da década de 1920) como o momento da crise final do capitalismo; a classificação da social-democracia<sup>8</sup> como *social-fascismo*; a necessidade de os partidos comunistas terem a hegemonia dos movimentos sociais, transformando-os em socialista, ou seja, nunca serem controlados por outras classes sociais ou tendências políticas. Para a América Latina, considerava-se como principal problema enfrentado pelos partidos comunistas locais o risco de não se colocarem à frente do que se via como *o processo de radicalização crescente das massas*. (*Ibid.*, 2ª. época, nº. 18, pp. 4) Em relação a esta última constatação, é interessante destacar que o foco da crítica do SSA eram as tentativas operadas no continente para se viabilizar as *frentes únicas*, especialmente o BOC brasileiro, sob a justificativa de que tais alianças fizeram com que o partido comunista perdesse a sua atuação independente e a possibilidade de conduzir as massas<sup>9</sup>

Como nunca antes havia ocorrido com tanta intensidade na história das relações entre a IC e os partidos comunistas da América Latina, criticava-se com veemência a atuação das organizações locais. Culpavam-lhes por, até então, não terem obtido êxito em se constituírem

---

<sup>8</sup> Classificava-se como social-democracia não somente os partidos assim denominados, mas também todos aqueles vistos pela IC como reformistas, tais como os vários partidos socialistas da América Latina.

<sup>9</sup> Como mostra o documento contendo a transcrição de uma reunião de dois representantes do PCB com quatro dirigentes do SSA, intitulado *Conversacion con delegados del Brasil sobre el problema de táctica*, ocorrida no dia 12 de junho de 1929, o partido brasileiro passou por um processo de enquadramento direto por parte da organização. Nesta ocasião, um dos representantes brasileiros, em linhas gerais, argumentou que havia sinais de que haveria uma radicalização revolucionária no país, liderada pela pequena-burguesia. Sendo assim, defendia a ideia de que o partido comunista não deveria colocar todo o seu esforço nas eleições, mas sim esperar que a revolução mencionada se concretizasse para a ela se juntar, inclusive apoiando o seu candidato à presidência. Considerava tal atitude compatível com uma tática mais *esquerdista*. Já os dirigentes do SSA viam como inadmissível que o partido comunista ficasse aguardando a pequena-burguesia. Para eles, o procedimento a ser utilizado deveria ser justamente o contrário: tanto nas eleições, como na revolução, o partido deveria tomar a iniciativa, e a pequena-burguesia, caso tivesse interesse, que viesse atrás. Mesmo nas eleições, o PCB deveria contar com candidatos próprios. Não se concordava com a ideia, apresentada pelos representantes brasileiros, de apoiar Prestes ou Maurício de Lacerda nas eleições presidenciais. (AIC, rolo 3, filme 495, assunto 29, dossiê 37) Na transcrição da reunião de 15 de junho de 1929, muito provavelmente continuação da anterior, vê-se pelo documento intitulado *Cuestion Brasileña*, que os dirigentes do SSA aprofundaram as críticas à atuação do PCB. Victorio Codovilla, ao comentar sobre a proposta de apoiar Prestes, caso este aceitasse o programa do PCB durante a campanha eleitoral, afirmou: “*De acuerdo; pero si la Columna Prestes acepta eso debemos criticar las debilidades de la pequeña burguesia y realizar propaganda para hacer conocer el programa de nuestro partido. Antes de conversar con Prestes es preciso preparar el programa y pedirle su adhesión incondicional al mismo. Sin esa aceptación del programa, las conversaciones con Prestes se traducirán en un parloteo inútil. Por eso propongo que Pierre y Leoncio queden encargados de elaborar ese programa.*” (*Ibid.*)

Nota-se o quanto esta recomendação inviabilizava qualquer tipo de aliança, pois além de não se abrir mão de quaisquer pontos do programa próprio, exigia-se a possibilidade de fazer propaganda contra a classe aliada, caso fosse posto em prática o acordo. Diante disso, apresenta-se a pergunta: por que não refutar explicitamente, como questão de princípio, a formação de alianças com outras classes sociais? Somente é possível respondê-la através da especulação, mas se pode arriscar que os dirigentes do SSA e da IC de maneira geral, demonstravam um mínimo de cuidados em não contradizerem tão explicitamente as formulações táticas anteriores da IC. Observa-se tal comportamento através dos constantes esforços que os dirigentes da IC apresentavam em construir uma linha de continuidade na evolução das análises produzidas pelo órgão.



instituições de massas. A principal explicação formulada pelo SSA para tal fenômeno residia nas influências burguesas operantes no interior dos PCs da área. Assim, via-se uma tendência dos dirigentes comunistas latino-americanos em buscarem a conciliação com os reformistas nacionais. Dessa forma, estava posta a argumentação para o afastamento posterior de alguns dos principais líderes comunistas locais, especialmente daqueles que não eram oriundos diretamente da classe operária<sup>10</sup>.

Considerava-se a eliminação dos elementos adjetivados de *oportunistas* como uma tarefa fundamental para a *bolchevização* dos partidos comunistas locais. Vê-se que tudo se encaminhava para a transformação da revolução russa como caminho único de transformação socialista nos países de capitalismo ainda não desenvolvido, bem como a adoção do partido bolchevique como modelo. Progressivamente eram restringidas as alternativas de formulações teóricas com uma mínima margem de autonomia ou originalidade, ou seja, cada vez mais era excluída a possibilidade de se *calcar na realidade*. Embora constantemente se advertisse para que tais recomendações não fossem aplicadas mecanicamente, e se invocasse o nome de Lênin para corroborar tal processo, utilizando-se para tanto de citações de frases, ou de trechos de textos, de sua autoria, dos mais diversos períodos históricos, na realidade não havia nada mais *antiLêniniano* do que esta forma de sacralização de um modelo analítico.

Ironicamente, os dirigentes do SSA não viam, ou, o mais provável, fingiam não perceber que a causa principal da derrota nas eleições parlamentares destes países era decorrência do esvaziamento das alianças com outros setores da esquerda e com a pequena-burguesia em geral, fato posto em prática seguindo as recomendações do próprio Secretariado. Sendo assim, na Argentina, onde o PCA contava com Penelón como representante parlamentar, em Buenos Aires, além da expulsão de seu grupo, havia-se colocado restrições ao trabalho no *parlamento burguês*. Enquanto que no Brasil as veementes críticas do SSA ao BOC, coalizão responsável pelo crescimento partidário e eleitoral comunista, inviabilizaram na prática a sua continuidade. O produto do maior sucesso eleitoral do PCB, o intendente Otávio Brandão na Câmara Municipal do Rio de Janeiro, teve que passar por um processo de autocrítica para continuar como membro do partido. Ele fora responsabilizado por ser um dos dirigentes

---

<sup>10</sup> Neste momento, utilizavam-se os casos das expulsões do grupo de José Penelón na Argentina e de Ortíz, no Equador, como justificativa da análise de que o *perigo de direita* era o principal problema dos partidos comunistas latino-americanos. De outra parte, a citação desses exemplos reforça a tese de que o PCA era o partido comunista da América Latina que gozava de maior prestígio e força junto à IC, pois a sua luta interna foi transferida para os demais partidos da área.



autores da tática de colaboração com a pequena-burguesia que o partido havia seguido até então.

De outra parte, o fator de maior novidade, e que terminou influenciando diretamente os partidos comunistas latino-americanos, pelo menos até 1932, localizou-se na explicação formulada para a debilidade dos PCs locais em realizar as suas tarefas. Ocorre que se atribuiu à situação a escassa presença de *autênticos operários* nas posições decisórias no interior das instituições partidárias. Para o SSA, tal situação fazia com que os partidos tivessem predominantemente uma ideologia pequeno-burguesa. Ordenava-se então que fossem transformados em organizações de uma única classe, afastando-se os elementos pequeno-burgueses das posições de comando. Isso terminou por fazer com que, nos anos seguintes os intelectuais ou fossem expulsos, ou, caso concordassem em divulgar uma autocrítica, caíssem na hierarquia dos PCs.

Em seu lugar foram conduzidos *autênticos operários*, muitos dos quais com escassa experiência no trabalho político. Esse fenômeno, que recebeu por parte da historiografia sobre o comunismo a denominação de *obreirismo*<sup>11</sup>, certamente não contribuiu em nada para promover o crescimento de influência dos partidos comunistas junto aos trabalhadores.

Ao contrário, as orientações extremistas da tática da *classe contra classe* contribuíram para promover a desagregação partidária. Tal situação dificultou que o partido aumentasse sua penetração junto às massas trabalhadoras, visto que afastaram os militantes com maior experiência e cujas imagens estavam diretamente associadas à história do partido, substituindo-os por figuras sem nenhum destaque no movimento sindical e que produziam avaliações acentuatadamente otimistas e simplistas da realidade política do país.

## Referências Bibliográficas e Documentais

---

<sup>11</sup> A título de exemplificação deste período de supervalorização dos operários no seio do grupo dirigente dos PCs, é interessante citar o caso brasileiro, onde a situação chegou ao extremo de ser vedado o direito de voto para os membros intelectuais do partido. Sobre esta época, Leôncio Basbaum, figura de destaque do PCB desde a década de 1920 até os anos cinquenta, avaliou que o SSA havia recomendado a *proletarização* dos PCs, que consistia em dotar o partido de uma ideologia proletária, através do trabalho de atração dos operários para os quadros partidários. Já o *obreirismo* seria um *desvio* desta orientação, fruto da má interpretação dos dirigentes brasileiros, “o desprezo pelos aliados de classe, sobretudo pelos intelectuais, endeusamento do operário, em vez de lutar pela hegemonia do proletariado, copiar os modos de vida e comportamento dos operários, principalmente os mais atrasados do ponto de vista político.” (BASBAUM, p. 94)



A *CLASSE OPERÁRIA*, 18 de julho de 1925 a 1º de março de 1940. (Acessado no *ARCHIVIO STORICO DEL MOVIMENTO OPERAIO BRASILIANO* (ASMOB), situado na Universidade Estadual Paulista (UNESP- Campus São Paulo).

ARQUIVO INTERNACIONAL COMUNISTA (AIC). Filme 495. (Acessado no Arquivo Edgard Leuenroth (AEL), da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP).

BASBAUM, Leôncio. **Uma vida em seis tempos**. São Paulo: Alfa-Ômega, 1976.

HENN, Leonardo Guedes. **A Internacional Comunista e a revolução na América Latina: estratégias e táticas para as colônias e semicolônias (1919-1943)**. São Paulo: Blucher Acadêmico, 2010.

KAREPOVS, Dainis. **A classe operária vai ao parlamento: o Bloco Operário e Camponês do Brasil (1924-1930)**. São Paulo: Alameda, 2006.

*LA CORRESPONDENCIA SUDAMERICANA*, Microfilme 117, 15 de abril de 1926 a junho de 1930. (Acessado no Arquivo Edgard Leuenroth (AEL), da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP).

LÊNIN, V. I. **Obras escogidas**. Moscou: Progreso, s/d.

REED, John. **10 dias que abalaram o mundo**. Porto Alegre: L&PM, 2002.

ZAIDAN FILHO, Michel. **O PCB e a Internacional Comunista (1922-1929)**. São Paulo: Vértice, 1988.

**Recebido em Setembro de 2011**  
**Aprovado em Outubro de 2011**